



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

A REVOLUÇÃO PELAS ASAS DA ESPERANÇA NA POESIA DE AGOSTINHO NETO E PEDRO CASALDÁLIGA

Autor: Edson Flávio Santos (PPGEL/UNEMAT/FAPEMAT)

Orientador: Benjamim Abdala Junior (USP/UNEMAT)

Co-orientadora: Vera Maquêa (UNEMAT)

RESUMO: O presente trabalho é resultado de parte das análises feitas até o momento nos estudos de doutorado e foi apresentado no Simpósio Literatura e Revolução da XV Abralic. As aproximações dão-se por tratarem-se de autores inseridos em contextos de repressão e abuso de poder por parte das autoridades constituídas. Ambos irão promover um chamamento aos seus pares para que se comprometam com a transformação da sociedade, tendo na literatura um meio para essa revolução. Os críticos acionados para estas nossas análises dão conta de discutir o papel da literatura e do escritor dentro da sociedade são eles DENIS (2002), ABDALA (2003; 2007) e TROTSKY (1969) e ainda as reflexões sobre utopia cunhadas por Ernst Bloch na obra *O Princípio Esperança* (2005). O poema de Agostinho Neto é oriundo da Antologia *Sagrada Esperança* (1974) e o texto de Pedro Casaldáliga é retirado do primeiro livro de poemas do autor publicado no Brasil, *Antologia Retirante* (1978).

Palavras-chave: Literatura e Revolução. Casaldáliga. Agostinho Neto. Relações Angola e Brasil.

A proposta de trabalho que ora se apresenta busca alçar algumas reflexões acerca de como os termos revolução e esperança são apropriados pelos escritores Agostinho Neto e Pedro Casaldáliga.

O termo revolução aqui é adotado a partir da perspectiva de um movimento contrário a estrutura política, econômica e social vigente estruturado. O termo esperança, muitas vezes aqui, será utilizado como utopia, chega até nós com as reflexões de Ernst Bloch através dos postulados de sua obra, *Princípio Esperança* (2005) e carrega o sentido de que é necessário um otimismo militante e não contemplativo para que as coisas, de fato, se transformem.

Nas análises que descortinamos aqui estes dois conceitos serão percebidos na obra poética dos autores que figuram no título desse artigo motivados pela atuação como cidadão-escritor que eles desempenhavam no momento de criação de suas obras.

Essa perspectiva de análise, feita pelo método comparatista, nos é endossada por Benjamim Abala Junior no reconhecido ensaio *Literatura, História e Política* (2007) que reconhece o papel do escritor na produção de uma literatura que irá revelar “como o tempo de plenitude sonhado pelo escritor participante tem significado literário se não se restringir a ser um mero depois, mas colocar-se no texto como materialização de um debate mais amplo com a utopia” (ABDALA, 2007, p. 16). Nesse sentido é mister conhecer um pouco da militância política e social dos poetas em questão.

Pedro Casaldáliga, nascido em Balsareny, na região da Catalunia/Espanha, nascido em uma família católica, torna-se padre em 1958. Antes disso, com a morte de um tio, sentiu de perto as atrocidades cometidas pela Guerra Civil Espanhola. Em 1968, como Missionário Claretiano, decide morar no Brasil em plena ditadura militar. Das impressões de sua chegada temos o seguinte trecho de sua autobiografia:

Mato Grosso era e ainda é uma terra sem lei. Alguém o tinha classificado como o “Estado-curral” do Brasil. Não encontramos nenhuma infra-estrutura administrativa, nenhuma organização trabalhista, nenhuma fiscalização. O Direito era o do mais forte ou do mais bruto. O dinheiro e o “38” se impunham. Nascer, morrer, matar, esses sim, eram os direitos básicos, os verbos conjugados com uma assombrosa naturalidade (CASALDÁLIGA, 1979, p. 33).

A Região onde Pedro Casaldáliga iria trabalhar é extremamente extensa com aproximadamente 150.000 km². E o Governo Federal subsidiava programas de “ocupação” dos vazios demográficos do interior do Brasil. Essa política de povoamento foi exercida de forma violenta e sem nenhum controle por parte das autoridades vigentes. Os grandes latifundiários que instalavam-se na região cuidavam de, ou dizimar índios e posseiros ou transformá-los em mão-de-obra escrava.

Pedro Casaldáliga, vivenciando todo esse cenário, por questões éticas, morais e religiosas faz opção por defender aqueles que eram subtraídos de suas terras e de seus direitos. Tornando-se assim, *persona non grata* de fazendeiros, políticos, militares e governantes. Por muitos até hoje ainda é visto como ameaça. De saúde debilitada pelo Parkinson e vendo o avançar de seus 88 anos, atua, desde 2005, como bispo emérito da Prelazia de São Félix do Araguaia, onde mora e não tendo trabalhado em outro lugar depois que lá tomou posse como primeiro bispo em 1971.

Autor de uma vasta produção literária que vai desde cartas pastorais, teatros, músicas, diários e uma extensa obra poética, cuja pequena parte traremos para análise.

Agostinho Neto, angolano, de família humilde, testemunhou ainda na infância as situações humilhantes do regime escravagista a que eram submetidos os trabalhadores das plantações de algodão de sua Terra Natal, Icolo e Bengo, e dos contratados na dura lida nos cafezais. Essas realidades somadas ao preconceito racial despertaram-lhe a centelha de contra quem ele devia se erguer: o colonialismo português.

Vai para metrópole e lá cursa Medicina, mas não consegue desinteressar-se pela situação política e social. Desta forma envolve-se em movimentos estudantis de luta anti-fascista. Suas atividades de militância renderam-lhe diversas prisões, mas nunca o fizeram desistir de seus objetivos, e sua obra literária dá conta de revelar estas intenções. Com a fundação do partido Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA, as ações políticas ficam ainda mais delineadas e quando Agostinho Neto retorna para Angola, em 1959, assume a presidência do partido, fato esse que culmina com sua condução a primeiro Presidente da nação recém-independente. Cargo que só deixa de exercer quando vem a falecer no ano de 1979,

Ao tomarmos contato com a produção literária de Pedro Casaldáliga e Agostinho Neto, verificamos que é possível pensar suas obras funcionando a serviço de uma revolução. Como diz o crítico francês Benoît Denis, a literatura produzida por autores como os que estamos lendo “não se pensa mais exatamente como um fim em si, mas como suscetível de tornar-se um meio ao serviço de uma causa que ultrapassa largamente a literatura” (DENIS, 2002, p. 25).

Temos então que essa literatura produzida nos contextos de luta que participam os poetas citados pode ser vista servindo como instrumento (meio) de revolução/mudança.

Uma mudança que se faz urgente quando a realidade que se tem é de dor e sofrimento como nos versos de “Terra nossa, liberdade”:

Esta é a Terra nossa:
a Liberdade,
humanos!

Esta é a Terra nossa:
a de todos,
irmãos.

A Terra dos Homens
que caminham por ela,
pé descalço e pobre.
Que nela nascem, dela,
para crescer com ela

como troncos de Espírito e de Carne
Que se enterram nela
Como semente
De Cinzas e de Espírito,
Para fazê-la fecunda como uma esposa mãe.
Que se entregam a ela,
Cada dia,
E a entregam a Deus e ao Universo,
Em pensamento e suor,
Em sua alegria,
E sem sua dor,
Com o olhar
E com a enxada
E com o verso...

Prostitutos cridos
Da mãe comum,

Seus malnascidos!
Malditas sejam as cercas vossas,
As que vos cercam
Por dentro,
Gordos,
Sós,
Como porcos cevados;
Fechando,
Com seu arame e seus títulos,
Fora de vosso amor,
Aos irmãos!

(Fora de seus direitos,
Seus filhos
E seus prantos
E seus mortos,
Seus braços e seu arroz!)

Fechando-os
Fora dos irmãos
E de Deus!

Malditas todas as
propriedades privadas
que nos privam
de viver e de amar!
Malditas sejam todas as leis,
amanhadas por umas poucas mãos
para ampararem cercas e bois
e fazer a Terra, escrava
e escravos os humanos!

Outra é a Terra nossa, homens, todos!
A humana Terra livre, irmãos! (CASALDÁLIGA, 1978, p. 191 e
193).

Os versos cadenciados como prece não medem adjetivos ao latifúndio que avança “cercando” tudo para si, privando, privatizando e expulsando aqueles que da terra já faziam uso e moradia. A metáfora da cerca é tão referencial quanto a Terra utilizada em letras maiúsculas. Recurso corrente do poeta quando deseja imprimir força a palavra poetizada. Na Terra está a gênese do povo que

Que nela nascem, dela,
para crescer com ela
como troncos de Espírito e de Carne
Que se enterram nela
Como sementeira
De Cinzas e de Espírito,
Para fazê-la fecunda como uma esposa mãe.
Que se entregam a ela,
Cada dia,
E a entregam a Deus e ao Universo (CASALDÁLIGA, 1978, p. 191).

Um ciclo místico e mítico que revela-se inseparável até a chegada dos “Prostitutos cridos” que malditamente instalam as cercas por toda a região demarcando seus territórios, ignorando tudo o que existia antes. Como na própria representação gráfica da estrofe separada do texto,

Fechando,
Com seu arame e seus títulos,
Fora de vosso amor,
Aos irmãos!
(Fora de seus direitos,
Seus filhos
E seus prantos
E seus mortos,
Seus braços e seu arroz!) (CASALDÁLIGA, 1978, p. 193).

São por esses direitos negados, por esses filhos separados de suas mães e que veem tolhidos seu lugar de viver. É por esse pranto pelos mortos nessa luta desigual e encoberta pelas leis “amanhadas por umas poucas mãos”, pelos braços cansados de lutar e pelo arroz que já não podem mais plantar e retirar seu sustento que Casaldáliga passa a ser porta voz. É por eles que passa a dedicar-se tanto na sua missão apostólica quanto na sua atividade poética.

Leon Trotsky na célebre obra *Literatura e revolução* diz:

É ridículo, absurdo e mesmo estúpido, ao mais alto grau, pretender que a arte permaneça indiferente às convulsões da época atual. Os homens preparam os acontecimentos, realizam-nos, sofrem os efeitos e se modificam sob o impacto de suas reações. A arte, direta ou

indiretamente, reflete a vida dos homens que fazem ou vivem os acontecimentos. (TROTSKY, 1969, p. 24).

As declarações do intelectual marxista acima iluminam nossas reflexões sobre a obra dos poetas em tela, pois tanto Casaldáliga, quanto Agostinho Neto não são meros expectadores de seu tempo. São cidadãos participantes diretamente envolvidos nos conflitos que denunciam. Tanto um, quanto outro sofreram duras sanções. Casaldáliga vários processos de expulsão do país e atentados de morte. Agostinho Neto inúmeras prisões. Mas todos esses cerceamentos não lhes retiraram a gana de seguirem seus propósitos. Serviam, na verdade, como incentivo.

Como faz Agostinho Neto no poema "À reconquista", (1985, p. 84-85):

Não te voltes demasiado para ti mesma
Não te feches no castelo das lucubrações infinitas
Das recordações e sonhos que podias ter vivido

Vem comigo África de calças de fantasia
desçamos à rua
e dancemos a dança fatigante dos homens
o batuque simples das lavadeiras
ouçamos o tam-tam angustioso
enquanto os corvos vigiam os vivos
esperando que se tornem cadáveres

Vem comigo África dos palcos ocidentais
Descobrir o mundo real
onde milhões se irmanam na mesma miséria
atrás das fachadas de democracia de cristianismo de igualdade

Vem comigo África dos gabinetes de estudo
e reentremos na casinha das latas esquecida no musseque da Boavista
até onde já nos empurraram
ao nos quebrarem as casas de meia água do Cayatte
e à volta do fogo consolador das nossas aspirações mais justas
examinemos a injustiça inoculada no sistema vivo em que giramos

Vem comigo África dos colchões de molas
regressemos à nossa África
onde temos um pedaço da nossa carne calcado sob as botas dos
magalas
onde caíram gratuitamente as gotas do suor do nosso rosto
_ a nossa África

Vem comigo África do *jitterburg*
até a terra até o homem até o fundo de nós
ver quanto de ti e de mim faltou
quanto da África esqueceu
e morreu na nossa pele mal coberta sob o fato emprestado
pelo mais miserável dos ex-fidalgos

Não chores África dos que partiram
olhemos claro para os ombros encurvados do povo que desce a
calçada
negro negro de miséria negro de frustração negro de ânsia
e dêmos-lhe coração
entreguemo-nos
através da fome da prostituição das cubatas esfuracadas
das chanfalhadas dos cipaios
através dos muros das prisões através da Grande Injustiça

Ninguém nos fará calar
Ninguém nos poderá impedir
O sorriso dos nossos lábios não é agradecimento pela morte
com que nos matam.

Vamos com toda a Humanidade
Conquistar o nosso mundo e a nossa Paz. (NETO, 1974, p. 84 e 85).

Agostinho Neto é o porta-voz que chama. “Vem comigo”, ele vai junto dos seus. Não faz sentido ir sozinho, por isso a primeira pessoa do plural reforçando a coletividade da intenção do poema. É um voltar-se para dentro da alma africana “até o homem até o fundo de nós”, essa alma dilacerada pelas lutas e carente de uma libertação que tarda em plenificar-se.

O poema ao mesmo tempo em que é recusa à cultura ocidental imposta pelo colonizador é uma recuperação da memória africana através dos costumes ancestrais, como nos versos:

dancemos a dança fatigante dos homens
o batuque simples das lavadeiras
ouçamos o tam-tam angustioso (NETO, 1974, p. 84).

Há no texto ainda o reconhecimento da fraternidade africana espalhada pelo mundo e que se irmanam no poema que convida o leitor a

descobrir o mundo real
onde milhões se irmanam na mesma miséria
atrás das fachadas de democracia de cristianismo de igualdade
(NETO, 1974, p. 84).

Agostinho Neto busca, através de sua poesia, fazer com que o povo angolano reconheça sua situação de alienação e sofrimento

Não chores África dos que partiram
olhemos claro para os ombros encurvados do povo que desce a
calçada
negro negro de miséria negro de frustração negro de ânsia
e dêmos-lhe coração

entreguemo-nos
através da fome da prostituição das cubatas esfuracadas
das chanfalhadas dos cipaiois
através dos muros das prisões através da Grande Injustiça (NETO,
1974, p. 85).

Esse procedimento oferece ao poema um efeito gradativo que começa com o olhar para si mesmo, seguido do olhar para fora (coletivo), e então ter consciência da sua realidade para que enfim se possa lutar.

Ninguém nos fará calar
Ninguém nos poderá impedir
O sorriso dos nossos lábios não é agradecimento pela morte
com que nos matam.

Vamos com toda a Humanidade
Conquistar o nosso mundo e a nossa Paz. (NETO, 1974, p. 85).

Embora a libertação da lembrança do passado é assombrada pela angústia da consciência de um presente ainda enevoado. O poema termina com a afirmação da possibilidade de realização das aspirações é a poesia que reacende a chama da esperança e pode fazer o povo ultrapassar a realidade que é de dor, miséria e sofrimento.

Postas estas reflexões sobre a obra de Pedro Casaldáliga e Agostinho Neto temos poetas que inseridos em contextos distintos veem-se impelidos a lutar contra o poder autoritário a favor daqueles que não podem ou não conseguem se defender. São homens, cidadãos que não permitiram que lhes aquietasse o espírito, mas solidarizando-se com outros membros da sociedade, intentaram mudar a realidade vivenciada. Podemos dizer que os dois autores partilharam da mesma visão de futuro para os seus pares que era a de um tempo vindouro de esperança e paz. Mas sabiam que esse tempo só viria pela revolução e assumiram, inclusive fisicamente, as duras penas dessa opção.

Esses ideais de luta, de fé e de atitude dão crédito aos poetas que tratamos aqui para que pudessem falar em nome do seu povo, daí através de seus poemas, não só convocar para o combate, mas acima de tudo alimentar a centelha da esperança, alimento motriz da própria luta. Era a luta motivada uma utopia pela libertação e pela transformação que se alimenta diariamente do sonho, pois “a falta de esperança é, ela mesma, tanto em termos temporais quanto em conteúdo, o mais intolerável, o absolutamente insuportável para as necessidades humanas” (BLOCH, 2005, p. 15).

Não é possível viver sem utopia. Assim todos seguimos, pois

Outra é a Terra nossa, homens, todos!

A humana Terra livre, irmãos! (CASALDÁLIGA, 1978, p. 193).

Uma terra onde

Vamos com toda a Humanidade
Conquistar o nosso mundo e a nossa Paz. (NETO, 1974, p. 85).

Dessa forma, temos na representatividade destes poemas que a esperança presente em cada um é aquela que se constrói por uma causa, que, por sua vez, dá forma a uma solidariedade que realiza-se “enquanto estado de plenitude idealizada que desloca-se do futuro, ou do modelo simulado, para atualizar-se no presente” (ABDALA, 2003, p. 163), nem sempre em um tempo de paz, mas na certeza de podemos acreditar na possibilidade de amanheceres de lutas, de esperança, mas também de revolução.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. São Paulo: Ateliê, 2007.

BARRADAS, Acácio (org.), *Agostinho Neto. Uma vida sem tréguas*, Lisboa/Luanda, AAA, 2005.

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Trad. Nélcio Schneider. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto. 2005. (Volume 1).

CASALDÁLIGA, Pedro. *Antologia retirante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *Eu creio na justiça e na esperança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1979.

DENIS, Benoît. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. São Paulo: EDUSC, 2002.

NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1974.

TROTSKI, Leon. *Literatura e Revolução*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.